

**AR
AO VENTO
DE LÍGIA SOARES
ERA
UMA COISA
MESMO
MUITO
ABSTRACTA
DE ANDRESA SOARES**

SEXTA-FEIRA 18

22:00

PEQUENO AUDITÓRIO

ERA UMA COISA AR AO VENTO MESMO MUITO ABSTRACTA

“Ar ao Vento” propõe a criação de uma peça de teatro que, ao invés de nos transportar para uma qualquer dimensão teatral, ocupa o teatro nos seus 55’ de duração, desperta para o vazio da sua dimensão temporal, tal como para o vazio dos seus metros quadrados de espaço. Ela ocupa igualmente o espaço de liberdade do espectador. Não por este ser impellido a fazer o que quer que seja, mas por uma constante denúncia da sua passividade e pela tentativa desta voz de lhes adivinhar os pensamentos, tentando definir a sua percepção e invadindo o espaço privado das suas interpretações pessoais. Este projecto procura assim anular a representação, no sentido em que todos os acontecimentos em palco são uma consequência real de um processo alimentado por uma relação de expectativas. É a expectativa em si, que está aqui na sua “forma pura”, não esperando nada em concreto, revela ser, no entanto, um pungente impulsor de discurso.

Ar ao Vento

“Ar ao Vento” (“Air in the Wind”) proposes a show which, instead of sending us off to some theatrical dimension, occupies the theatre space for 55 minutes and awakens us to the emptiness of the temporal dimension, as well as to the emptiness of an area measured out in square meters of space. It also occupies the audience’s space of freedom, not because the audience is compelled to do whatever it decides, but because it bends to the constant denouncement of passiveness and the voice’s attempt to guess at thoughts, which seeks to define understanding and invade the private space of personal interpretation. This piece also seeks to cancel out representation in the way that all events on stage are the real consequence of a process fed by a relationship of expectations. The expectation in itself, which is in its “pure form” which expects nothing concrete, reveals itself to be an acerbic driving force for discourse.

“Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta” é um solo coreográfico de Andresa Soares com música original de João Lucas. O espectáculo surgiu da vontade de desafiar o estranho mundo da abstracção, restando o impulso de querer dizer alguma coisa para mergulhar numa espécie de abnegação expressiva. Assente na convicção que o movimento contém em si, ideias, procurou-se criar uma linguagem cujos significados e significantes têm a duração do momento em que são criados. Começou-se na casa da partida e

COMEÇOU-SE NA CASA DA PARTIDA E DESENNOLLOU-SE, COMO UM FIO QUE VEM DE TRÁS PARA SEGUIR EM FRENTE, UMA PROCURA DE MOVIMENTOS QUE SE REVELAM COMO PENSAMENTOS SEM PASSAREM, NA TOTALIDADE, PELO ENTENDIMENTO, MAS QUE CONFEREM À PEÇA UMA SENSACÃO NARRATIVA.

IT BEGAN AS IF IN A WEAVING, WITH THE THREAD GOING BACK AND FORTH IN A SEARCH FOR MOVEMENT WHICH APPEAR AS THOUGHTS WHICH PASS IN THEIR ENTIRETY THROUGH UNDERSTANDING BUT WHICH GIVE THE SHOW A NARRATIVE FEELING.

Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta

“Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta” (“Once there was a thing that was really abstract”) is a solo piece choreographed by Andresa Soares with original music by João Lucas. The show emerged from the desire to throw a challenge out to the strange world of abstraction while holding back the desire to say something and plunge into a type of expressive abnegation. Firmly based upon the conviction that movement contains ideas inside itself, we sought to create a language whose signified and signifiers last for the duration of the moment in which they are created. It began as if in a weaving, with the thread going back and forth in a search for movement which appear as thoughts which pass in their entirety through understanding but which give the show a narrative feeling. Music as an “abstract material” models this sensation and casts it off into a sense of continuity, acting upon the reality which it has created like a transfiguring spirit which opens up and drives the potential for interpretation of events held within this moment of building the present.

desenrolou-se, como um fio que vem de trás para seguir em frente, uma procura de movimentos que se revelam como pensamentos sem passarem, na totalidade, pelo entendimento, mas que conferem à peça uma sensação narrativa. A música como “matéria abstracta” vem modelar esta sensação e lançá-la na continuidade, agindo sobre a realidade criada como um espírito transfigurador que abre e conduz possibilidades de interpretação dos acontecimentos nesse momento de construção de presente.

The dialectic of deconstruction*

To create expectations without committing to any type of meaning – it is based on the idea of non-commitment (but at the same time on the ability to instigate what the show can do to the audience) that Lúcia Soares has chosen “Ar ao Vento” (“Air in the Wind”) as the title of her performance. Her pieces take off from the dialogue between writing and movement. If, at times, it is writing which gives origin to bodily expression, then there are moments in which movement is the precursor of writing. But if this semantic union between word and gesture is not born of a logical-narrative discourse, before the accumulation of contradictory expressions, then it is because it desires to give evidence to a visible fragility which comes out of the divergent positions of thought and action. The absence of meaning emerges thus as a challenge placed before the audience. ¶ “Ar ao Vento” (“Air in the Wind”) is fed upon words like a tool of abstract thought: “Right then, I agree to sit down here in front of you, but this is due to my enormous capacity for abstraction,” – this is how the show starts off. The performer, seated, begins a “dialogue” with the audience. A word game is begun that seems to invert the role of stage and audience, performance and spectator. The idea of bodies in action before a group of people brought together is constantly deconstructed by the “empty” discourse which is fed upon promises meant to be fulfilled. A person sitting quietly in a chair challenges the most basic conventions of performing, fleshing out the paradox of the spectator founded upon the idea that there can be no performance without the actor. Thus

A DIALECTICA DA DESCONSTRUÇÃO*

Criar expectativa sem se comprometer com qualquer significado. É com base nesta ideia de descomprometimento, mas ao mesmo tempo de poder instigador que o espectáculo exerce sobre o público, que Lúcia Soares escolhe “Ar ao Vento” para título do seu projecto. As suas peças surgem a partir do diálogo entre escrita e movimento. Se, por vezes, é a escrita que dá origem à expressão corporal, momentos há em que o movimento é precursor da escrita. Mas, se desta união semântica entre palavra e gesto não nasce um discurso lógico-narrativo, antes um acumular de

expressões contraditórias, é por se querer evidenciar uma patente fragilidade que emerge das divergências entre pensamento e acção. A ausência de sentido surge assim como um desafio que se coloca ao fruidor. ¶ “Ar ao Vento” alimenta-se da palavra como ferramenta de pensamento abstracto: “Bom, eu suporto sentar-me aqui à vossa frente, mas isso deve-se à minha enorme capacidade de abstracção (...)”, começa a peça. A intérprete, sentada, enceta um “diálogo” com o público. Dá-se início a um jogo de palavras que parece inverter o papel entre o palco e a pla-

teia, a performance e o espectador. A ideia de corpos em acção perante um público reunido é constantemente desconstruída pelo discurso “vazio” que se alimenta de promessas por cumprir. Uma personagem quieta, numa cadeira, desafia as mais básicas convenções do espectáculo, dando corpo a um paradoxo do

by the audience. Thus, from nothing all sorts of things can emerge. ¶ The performance is reduced to the elementary positions of the human body: being seated, standing, lying down, running to or away from the audience. In this way a causal link is built between ex-

the main precept of the piece assumes the expectation of: “not a representation of that expectation, but the expectation itself, taken in its most simple dimension,” says Lúcia Soares. The inability to know and to act seems to have reached the stage, such that for a few moments it is no longer seen as a stage for illusion and passivity. The action of the performer, required by the public, is confronted in the expectations that the performer has with respect to the possible perceptions held

pectation and action. But the piece is also a challenge to the spectator’s freedom. The audience is confronted with its passivity and with the inability revealed by the unusual. Dramatic quality resides in the moment’s absence of meaning. “Ar ao Vento” (“Air in the Wind”) dilutes the borders between performance, performer, and audience, and is founded on the dialectics of the deconstruction of acting that is required of an emancipated actor.

A ABNEGAÇÃO EXPRESSIVA DO MOVIMENTO*

espectador que se sobrepõe à ideia de que não há performance sem actor. Assim, assume a expectativa o estatuto principal da obra: “(...) não uma representação dessa expectativa, mas a expectativa em si, olhada na sua dimensão mais simples”, diz Lúcia Soares. A incapacidade de conhecer e de agir parece ter sido estendida ao palco teatral, deixando este, por momentos, de ser visto como um palco de ilusão e de passividade. A acção do *performer*, postulada pelo público, vê-se confrontada a partir das expectativas que o *performer* tem acerca da possível percepção da sua plateia.

Encher o movimento de significado e torná-lo signifiante foi o desafio que Andresa Soares impôs a si própria e que está na génese de “Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta”. Este solo coreográfico, com música de João Lucas, desafia o estranho mundo da abstracção através do “movimento pensado” a cada momento. Um movimento que se configura como uma espécie de “abnegação expressiva”, uma ascese que aspira, porventura, a combater a impraticabilidade da dupla articulação da linguagem, fazendo do momento em que é criada a sua única semântica. ¶ Desta soma de expressões corporais, sem a tentativa de formalização, desvela-se uma narrativa que encontra na música uma perfeita, dir-se-á, cumplicidade. O jogo de luzes e sombras encarrega-se de prolongar a utilização do espaço para lá do corpóreo, criando um triplicado

dramatúrgico que, segundo Andresa Soares, procura situar-se o mais próximo possível da sua natureza abstracta. Assim, a improvisação dá origem ao momento que, isolado, constitui um fio narrativo que prescinde da compreensão do todo. Encontramo-nos perante a recusa da indução como mecanismo de compreensão, centrando-se a obra não no seu conteúdo, mas na sua forma. ¶ “Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta” postula uma capacidade de compreensão para lá das grandes narrativas. Trata-se de uma obra que vive da expressividade do fragmento, que se alimenta de uma linguagem marcadamente contemporânea. A plasticidade estética que nos é trazida pela imaterialidade sonora e pela linguagem corporal abre para as várias possibilidades da compreensão. Na “continuidade narrativa” da obra, somos lançados, permanentemente, em novos mundos de significação. Vivemos do instante da criação. Não existe nem passado nem futuro, apenas o presente que tece a nossa existência. De tudo isto, resta a certeza de estarmos perante uma criação artística que, seguramente, não nos deixará indiferentes.

ENCHER O MOVIMENTO DE SIGNIFICADO E TORNÁ-LO SIGNIFICANTE FOI O DESAFIO QUE ANDRESA SOARES IMPÔS A SI PRÓPRIA E QUE ESTÁ NA GÉNESE DE “ERA UMA COISA MESMO MUITO ABSTRACTA”.

TO IMBUE MOVEMENT WITH MEANING AND MAKE IT SIGNIFICANT IS THE CHALLENGE WHICH ANDRESA SOARES TOOK UPON HERSELF AND WHICH IS BEHIND THE SHOW, “ERA UMA COISA MESMO MUITO ABSTRACTA” (“ONCE THERE WAS A THING WHICH WAS REALLY ABSTRACT”).

Assim, do nada pode surgir o tudo. ¶ A performance é reduzida a posições elementares do corpo humano: estar sentada, de pé, andar, deitar, correr, de frente ou de costas para o público. Constrói-se, desta forma, uma ligação causal entre expectativa e acção. Mas a obra é também um desafio à liberdade do espectador. Ele é confrontado com a sua passividade e com a incapacidade revelada perante o inusitado. A qualidade dramática vive da ausência de sentido do momento. “Ar ao Vento” dilui as fronteiras entre espectáculo, performer e espectador, assentando na dialéctica da desconstrução da representação que postula um actor emancipado.

The expressive abnegation of movement*
To imbue movement with meaning and make it significant is the challenge which Andresa Soares took upon herself and which is behind the show, “Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta” (“Once there was a thing which was really abstract”). This solo piece, with music by João Lucas, challenges the strange world of abstraction via “thought out movement” at all times. A movement is configured as a type of “expressive abnegation,” and an asceticism which aspires, by chance, to combat the impracticality of the double articulation of language, making the moment in which it is created its only semantic. ¶ From this sum of body expression, with no attempt at formalization, a narrative is

unveiled which encounters in the music, we dare say, a perfect intimacy. The play of lights and shadows is in charge of prolonging the use of space beyond that of the body, creating a dramaturgical triplet which, according to the Andresa Soares, seeks to situate itself as close as possible to its abstract beauty. Thus, improvisation is the origin of that moment which, though isolated, constitutes the narrative thread which dispenses with the understanding of everything. We meet before the refusal of suggestion as a mechanism for understanding, with the piece being centered not on its content but on its form. ¶ “Once there was a thing which was really abstract” requires a capacity for understanding which goes beyond grand narratives. This is a piece which takes life from the expressiveness of the fragment, which is nourished from a markedly contemporaneous language. The aesthetic plasticity which is brought in by the sound immaterialness and the full language of the body opens things up to the various possibilities for comprehension. In the “narrative continuity” of the piece, we are permanently tossed into new worlds of meaning. We live in the instant of creation. There is no past or future, only the present, which weaves our existence. From out of all this there remains the certainty that we are placed before an artistic creation which surely will not leave us indifferent.

Ar ao Vento
• Conceito, Texto e Interpretação **Lúcia Soares**
• Assistência, Dramaturgia **Thierry Decottignies**
• Música **Excerto de Musique pour Cordes, Percussion et Celesta, Béla Bartók, Detroit Symphony, A. Dorati** • Desenho de Luz **Alexandre Costa** • Peça criada em Berlim com o apoio a projectos pontuais da GDA - Gestão dos Direitos dos Artistas. • Conta com apresentações em Berlim, Lisboa, Paris e Belgrado.
• Duração 50 min. • Maiores de 12

Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta
• Coreografia e Interpretação **Andresa Soares**
• Música **João Lucas** • Desenho de Luz **Alexandre Costa** • Banda sonora original criada por **João Lucas**, Editada em Junho de 2009 pela **Creative Sources** com o título “Abstract Mechanics”
• Peça criada com o apoio do Ministério da Cultura/DGArtes e da Fundação Calouste Gulbenkian. • Duração 50 min. • Maiores de 12